

EN

Nelson Rodrigues was a writer, journalist, columnist and playwright, often described as a pervert, a reactionary, or the “Pornographic Angel”, as Ruy Castro called him in the masterful biography he wrote about this writer. Invited by Teatro Nacional de São João, the actor and director Tónan Quito brings us *The Kiss on the Asphalt*: a man is run over by a car and, before dying, he asks a stranger (who happened to be passing by and rushed to save him) for a kiss on the mouth. This play was written in 1960 at the request of the actress Fernanda Montenegro, and its premiere (in 1961) was a controversial success.

O BEIJO NO ASFALTO

Teatro Nacional São João (Portugal)

Texto de Nelson Rodrigues

Encenação de Tónan Quito



43º FESTIVAL 04 — 18
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	13 Julho — 21H30 14 Julho — 19H00
<i>Local</i>	Sala Principal, Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada
<i>Língua</i>	Português
<i>Classificação Etária</i> M/14	<i>Duração</i> 1H30 (Aprox.)

Cenografia

José Capela

Desenho de luz

Daniel Worm d'Assumpção

Desenho de som

Francisco Leal

Figurinos

Elisabete Leão

Apoio à dramaturgia

Bernardo Haumont

Assistente de encenação

Paulo Pinto

Apoio vocal

Ana Celeste Ferreira

Interpretação

Allex Miranda, Bárbara Meirelles

Beto Coville, Dai Ida,

Gabriel Delfino Marques,

Genário Neto, Joyce Souza,

Julia Prado e Luciano Luz

PT

Antes de morrer, um homem atropelado pede a um desconhecido, que correrá para o salvar, um beijo na boca. O gesto provoca a reprovação pública; o preconceito sexual anima a perseguição policial e a especulação jornalística. No Brasil, à época da estreia, em 1961, *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues, “não foi um sucesso tranquilo”, provocando indignação e polémica. E aqui, agora? A Tónan Quito cabe a leitura desta ‘tragédia carioca’, numa encenação que respeita o português do Brasil, reunindo um elenco de actrizes e actores brasileiros residentes em Portugal. A defesa da língua portuguesa, eixo programático das produções do Teatro Nacional São João nesta temporada, também se assume na paixão pelas suas variantes e sotaques. E quem melhor do que Nelson Rodrigues para nos dar a senti-la, tão virtuoso é o seu teatro “na utilização direta do idioma vivido”. Para ele, *O beijo no asfalto* era, acima de tudo, uma inquirição metafísica sobre o problema da morte. Como se vida e morte se enlaçassem, a morte beijada na boca. “Lindo beijar quem está morrendo!”

*

“Nasci a 23 de Agosto de 1912, no Recife, Pernambuco. Vejam vocês: eu nascia na Rua Dr. João Ramos (Capunga) e, ao mesmo tempo, Mata-Hari ateava paixões e suicídios nas esquinas e botecos de Paris”. Quinto de 14 irmãos, Nelson Rodrigues começou a trabalhar aos 13 anos no jornal do pai, o jornalista e político Mário Rodrigues. Iniciou-se como repórter policial, tendo também escrito sobre cultura, política e futebol, em várias revistas e jornais. Viveu e trabalhou quase toda a vida no Rio de Janeiro, cidade para onde a família se mudou em 1916 e que Nelson conheceu até aos mais ínfimos pormenores, incluindo os mais sórdidos. “O que me põe doente é a falta de espanto. Preciso me espantar com a maior urgência”. O seu “espanto” produziu uma obra tão extensa como polémica, que inclui um número infindável de crónicas, mas também contos, romances e 17 peças de teatro. Um “espanto” que se prolongou à crítica e ao público: as suas criações suscitaram sempre fortes reacções passionais, de aclamação ou de reprovação. Foi talvez o mais censurado autor de teatro do Brasil. Nas primeiras apresentações de *O beijo no asfalto* (1961), os espetáculos foram muitas vezes interrompidos por enfurecidos comentários do público: “Onde está a polícia, que não fecha esta indecência?” Morreu, amado por uns, detestado por outros, no Rio de Janeiro, a 21 de Dezembro de 1980.

*

O beijo no asfalto não foi um sucesso tranquilo. Quando a peça estava no teatro da Maison de France, Nelson Rodrigues ia todas as noites para o teatro e ficava no saguão, de guarda-chuva no braço, com seu filho Joffre, tomando satisfações de quem saía indignado no meio do espetáculo. Corria atrás do sujeito e o interpelava: “Mas vem cá. Me diz uma coisa. O que o ofendeu nessa peça?”

Ruy Castro, in *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.